



MELANIE
KLEIN



*Autobiografía
comentada*

ORGANIZADOR ALEXANDRE SOCHA



Blucher



MELANIE
KLEIN

Autobiografia comentada

ORGANIZADOR

Alexandre Socha

COMENTÁRIOS

Claudia Frank

Izelinda Garcia de Barros

James Gammill

Liana Pinto Chaves

R. D. Hinshelwood

TRADUÇÕES

Elsa Vera Kunze Post Susemihl

Paulo Sérgio de Souza Jr.

Melanie Klein: autobiografia comentada

Copyright © 2019 Alexandre Socha (Org.), Claudia Frank, Izelinda Garcia de Barros, James Gammill, Liana Pinto Chaves, R. D. Hinshelwood
Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem de capa: Melanie Klein. Cortesia de Césura Edition.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) – Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Klein, Melanie, 1882-1960

Melanie Klein : autobiografia comentada / Melanie Klein ; organização de Alexandre Socha ; textos de Claudia Frank... [et al] ; tradução de Elsa Vera Kunze Post Susemihl, Paulo Sérgio de Souza Junior. – São Paulo : Blucher, 2019.

220 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1855-5 (impresso)

ISBN 978-85-212-1856-2 (e-book)

I. Klein, Melanie, 1882-1960 – Autobiografia 2. Psicanalistas – Áustria – Autobiografia
3. Psicanálise I. Título. II. Socha, Alexandre. III. Frank, Claudia. IV. Susemihl, Elsa Vera
Kunze Post. V. Souza Junior, Paulo Sérgio de.

19-1431

CDD 921.3

Índices para catálogo sistemático:

I. Psicanalistas – Autobiografia

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar – 04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366 – contato@blucher.com.br – www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Conteúdo

APRESENTAÇÃO

| | |
|---|---|
| Melanie Klein, personagem de si mesma | 7 |
| <i>Alexandre Socha</i> | |

AUTOBIOGRAFIA DE MELANIE KLEIN

| | |
|---------------------------------------|----|
| Comentários iniciais (2016) | 27 |
| <i>R. D. Hinshelwood</i> | |
| Autobiografia (1959) | 31 |
| <i>Melanie Klein</i> | |

COMENTÁRIOS

| | |
|--|-----|
| A abordagem do material clínico conforme Melanie Klein . . | 89 |
| <i>R. D. Hinshelwood</i> | |
| Citizen Klein. | III |
| <i>Liana Pinto Chaves</i> | |

Melanie Klein (1882-1960): um “gênio feminino” ou um
“antigênio”? 133

Claudia Frank

Melanie Klein: mulher, mãe, psicanalista 167

Izelinda Garcia de Barros

APÊNDICE

Algumas recordações pessoais sobre Melanie Klein 187

James Gammill

Cronologia 217

Apresentação

Melanie Klein, personagem de si mesma

ALEXANDRE SOCHA¹

Poucos meses antes de completar 78 anos, Melanie Klein (1882-1960) decidiu reunir em um texto único uma série de fragmentos esparsos que vinha escrevendo. Em alguns, contava a história de seus familiares e de sua própria infância, tendo como pano de fundo a Viena do final do século XIX. Em outros, falava sobre seus “anos de formação”, sua aproximação com a psicanálise e as passagens por Budapeste e Berlim, antes de fixar residência em Londres. Em suma, fragmentos de memórias, colhidos em diferentes momentos, e que em novembro de 1959 serão finalmente organizados por Klein, editando, suprimindo repetições e acrescentando ao texto novas passagens. Essa versão integral, assim como os fragmentos que lhe deram

¹ Psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

origem, foi encontrada entre seus papéis após o seu falecimento no ano seguinte.

Havia muito a autora já não era a pequena Melanie Reizes, a quem decidiu priorizar na narrativa, e sim a respeitável sra. Klein, criadora de um dos sistemas conceituais basilares da psicanálise e de uma técnica que ampliou seu alcance ao tratamento de crianças e de pacientes psicóticos. Embora houvesse se tornado, desde seus tempos berlinenses, uma figura imponente na comunidade psicanalítica, Klein era também uma pessoa bastante reservada e discreta em relação à sua vida pessoal. Adorada à exaustão por seus simpatizantes e detratada por outros como herege do cânone freudiano, sabia bem o quanto sua personalidade forte podia despertar paixões fervorosas. Em certa medida, isso contribuiu para que ela se tornasse ainda mais conscienciosa com a própria imagem, algo a ser levado em conta tanto no conteúdo do seu relato autobiográfico quanto na própria decisão de escrevê-lo.

Em uma carta enviada a Adrian Stokes² no dia 11 de dezembro de 1952, Klein exprime algumas preocupações relacionadas a essa questão:

Devo agora abordar um assunto difícil. Você se lembrará de que quando falamos sobre o retrato inacabado você

2 Adrian Stokes (1902-1972) foi um eminente crítico de arte inglês. Após um período de análise com Klein, tornou-se seu amigo pessoal e contribuiu para a difusão de seu pensamento no meio artístico.

sugeriu que, se eu quisesse que ele fosse destruído, você o consentiria. Sinto-me mal pois sei que é uma obra de arte e me desagrada a ideia de que ela seja destruída. Mas tenho convicção de que não desejo mantê-lo como um registro meu e, como ambos sabemos, é isso que afinal poderá acontecer.

Minha família e amigos não gostariam que eu fosse perpetuada por esse retrato. Além disso, estou ciente de que as pessoas que nunca me viram possuem de mim uma concepção fantasiosa como pessoa em conexão com meu trabalho, e certamente não desejo reforçar isso deixando para trás uma pintura que o confirme. (Sayers, 2012, p. 123)

Sete anos antes de sua compilação autobiográfica, portanto, Klein já se propunha a selecionar um “retrato oficial” condizente com seus propósitos. O pedido levemente constrangido ao amigo se dirige efetivamente à posteridade, ao modo como ela será lembrada pelos seus e também por aqueles que nunca a viram. Convergem ali o sentimento da finitude e o anseio pela perpetuação do legado de sua vida e obra. Confiante de que suas ideias sobreviveriam, Klein declarava não desejar que uma “concepção fantasiosa” de sua pessoa interferisse na apreensão de seu trabalho. O tom da carta nos remete àquela imagem alegórica do escritor que destrói seus manuscritos inconclusos (ou indiscretos), para que no futuro um pesquisador inconveniente não os encontre e publique em livro aquilo que nunca fora destinado a tanto.

Estaria a *Autobiografia* de Melanie Klein nesta mesma condição, a de um retrato indesejado, cujo destino era na realidade ser destruído? Ou seria antes um autorretrato delineado em concordância com as preocupações expressas pela própria autora nessa carta?

PERCURSOS E CONTRADIÇÕES

Embora nunca houvesse sido publicada integralmente, a *Autobiografia* sempre foi velha conhecida dos psicanalistas kleinianos. A atual versão foi enviada por Betty Joseph em 1962 para Roger Money-Kyrle, que coordenava na época a edição das *Obras completas de Melanie Klein*, para que ele avaliasse sua possível inclusão. Money-Kyrle optou por não o incluir e manteve o manuscrito em seus arquivos pessoais, onde permaneceu até seu falecimento, em 1980, quando seu espólio foi encaminhado à Biblioteca Wellcome. Já os fragmentos avulsos que serviram para compor a versão integral continuaram nos arquivos de Klein, conservados pela mesma biblioteca.³ O conjunto foi amplamente utilizado pelos comentadores de sua obra, sendo citado, direta ou indiretamente, em praticamente todos os trabalhos de relevo que se dispuseram a

3 Em 2013, Janet Sayers e John Forrester reuniram esses fragmentos em ordem cronológica e publicaram sua transcrição em *The Autobiography of Melanie Klein. Psychoanalysis and History*, 15(2), 127-163, Edinburgh University Press.

integrar dados biográficos às suas contribuições teóricas e clínicas.

De fato, até a pesquisa histórica realizada por Phyllis Grosskurth e publicada em 1986 no livro *O mundo e a obra de Melanie Klein*, a narrativa autobiográfica se manteve como o principal registro a respeito de sua vida. Tamanho valor documental não impediu, contudo, de jamais ter sido publicada em versão integral e de ter ficado assim inacessível ao grande público. Apenas recentemente o texto foi disponibilizado online pelo Melanie Klein Trust,⁴ com outros valiosos documentos digitalizados do seu acervo. A omissão de um texto que tanto contribuiu para moldar a imagem de Klein para as gerações futuras é no mínimo curiosa. Como compreender que as memórias de uma das grandes pensadoras do século XX tenham ficado à margem de seu corpo de trabalho, restritas a breves citações ou menções à sua existência?

Não obstante o reconhecimento legítimo da autoria e o uso recorrente do texto em pesquisas, uma grande parte do grupo kleiniano considerou que a *Autobiografia*, em sua totalidade, não fazia jus à estatura de Melanie Klein, destoando consideravelmente do tom arguto dos seus artigos psicanalíticos. Talvez com receio de que tais memórias servissem como expediente para novas difamações, optou-se, em relação ao âmbito pessoal, pela

4 Ver <http://www.melanie-klein-trust.org.uk>.

mesma disposição reservada que a autora adotara ao longo de sua vida.

Outro ponto deve ainda ser acrescentado. Durante a escrita da biografia de Klein, Grosskurth teve acesso a documentos e cartas familiares mantidos pelo filho mais novo, Eric, e deparou-se com algumas incongruências entre o conteúdo destes e sua narrativa autobiográfica. Algumas lembranças de Klein sobre seu passado remetiam antes a fabulações, como ilustra o exemplo emblemático do “bilhete de loteria premiado”. Este supostamente permitiu uma condição financeira mais confortável, tornando-se um ponto de inflexão na vida familiar (p. 34). Segundo as informações encontradas pela pesquisadora, o dinheiro na verdade foi fruto de um empréstimo de Hermann, tio de Melanie Klein (irmão mais novo de sua mãe), e a dívida que jamais deixou de ser por ele cobrada tornou-se um verdadeiro calvário para a família Reizes. Grosskurth dedicou-se então a uma leitura investigativa da *Autobiografia*, apontando cada desacordo entre ela e aquilo que assumiu como verdade histórica a partir das missivas. Seu resultado tornou evidente o quanto as relações familiares na infância e juventude de Klein foram muito mais difíceis do que ela mesma talvez pretendesse expor em seu relato.

O trabalho de Grosskurth foi um marco na historiografia psicanalítica, revelando, por exemplo, que os primeiros pacientes de Klein haviam sido os seus próprios

filhos.⁵ Embora tenha gerado relativa polêmica, tal descoberta em nada comprometeu a credibilidade desses primeiros artigos. Antes, permitiu a eles novas leituras e ampliou chaves de compreensão, corroborando assim a percepção de que “os grandes analistas que renovaram a psicanálise abrindo novos domínios de investigação psíquica fizeram isso ao transformar seu segredo e sua paixão em objetivo epistemológico” (Kristeva, 2000/2002, p. 54).

Algo semelhante talvez ocorra com a *Autobiografia*, caso sua leitura vise aquilo que ela de fato mostra e a natureza daquilo que ela de fato é.

O GESTO AUTOBIOGRÁFICO

Toda narrativa autobiográfica implica, antes de mais nada, um trabalho implícito de reconciliação do autor com sua trajetória. Acontecimentos longínquos e impressões dispersas são reagrupados em um conjunto que se pretende coerente, sendo desse modo recriados durante o próprio ato de sua escrita. Mais ainda, pelo recorte específico de suas memórias o autor depura uma versão própria de si mesmo. É nesse sentido que uma autobiografia “não nos mostra o indivíduo visto de fora em suas ações visíveis, mas em sua privacidade interna; não como

5 Cabe ressaltar que esta era uma prática não tão incomum nos inícios da psicanálise, como demonstra a análise de Anna Freud, conduzida por seu próprio pai.

ele foi, não como ele é, mas como ele acredita e gostaria de ser e de ter sido” (Gusdorf, 1956/1980, p. 45). Ela é então menos um resgate do passado do que sua reconstrução atual, permeada pela expressão de fantasias e lampejos de um mundo interno, muitas vezes apenas acessível por vias tais. Ontem, hoje e amanhã se entrecruzam no momento de sua escrita; e, embora possa referir-se reiteradamente ao “antes”, o tempo do relato autobiográfico é sempre o do “agora”. Ao tomarmos a prerrogativa de que é em torno desse “agora” que se constrói e reconstrói o ato rememorativo, eventuais incongruências como as relatadas por Grosskurth passam a adquirir outro relevo.

De um ponto de vista documental, o historiador tem pleno direito de questionar e verificar a precisão objetiva de um testemunho, seja este sobre si mesmo ou sobre outros. Mas o leitor que aceita tacitamente o “pacto autobiográfico” (Lejeune, 1975/2014) reconhece de modo intuitivo no diálogo interno de uma narrativa memorialística que seu valor de verdade não pode nunca ser julgado no mesmo tribunal que o da verdade histórica dos fatos. É antes uma verdade íntima que dá vida ao texto e que permite o vislumbre de seu interior.

A confusão parece residir no fato de uma autobiografia ser assumida como “biografia escrita pela própria pessoa”, aplicando a ela a problemática historicizante intrínseca ao gênero biográfico. Na qualidade de gênero próprio, não destituído de sua especificidade, a concepção de autobiografia colide frontalmente com os questio-

namentos voltados à sua verdade histórica. Nela, a noção de *veracidade* é suplantada por outra, a de *autenticidade*, em um referencial, aliás, bem mais afinado com o da escuta psicanalítica.

Desse modo, não é desprovido de significado o fato de Melanie Klein ter privilegiado em seu relato o período da infância, ou antes, o infantil.⁶ Pioneira na análise de crianças, Klein abriu novos territórios para a exploração do funcionamento mental e da realidade psíquica provenientes dos primeiros anos de vida. Durante quatro décadas, dedicou-se à investigação minuciosa das raízes de ansiedades arcaicas e lançou bases sólidas para sua compreensão, tanto no atendimento de crianças quanto no de adultos. Suas reminiscências infantis podem até soar por vezes ingênuas ou idealizadas, mas emanam um caráter emocionalmente genuíno que lhes garante firme esteio. Ancoradas no momento em que foram escritas, trazem consigo o contexto do envelhecimento e a proximidade da morte: ao final de sua vida, a sra. Klein e a pequena Melanie encontram-se lado a lado, juntas.

A questão levantada anteriormente, quanto a este ser ou não um texto voltado à publicação, perde assim um tanto de sua força. Poderíamos argumentar que Klein não destruiu os dez fragmentos que escreveu ao longo de

6 Torna-se ainda mais sugestivo quando o comparamos ao tom heroico e desbravador encontrado em *Um estudo autobiográfico* (1925) de Sigmund Freud, escrito por volta de seus 69 anos.

quase seis anos; possibilitou, inclusive, que uma versão integral, datilografada, fosse facilmente encontrada com outros trabalhos seus que acabaram sendo publicados postumamente. Poderíamos ainda acrescentar que toda escrita almeja e se destina a um leitor, mesmo que imaginário. Nesse caso, o texto seria talvez o retrato harmonioso que Klein pretendia deixar à posteridade, aos netos a quem se refere no último parágrafo, e aos futuros colegas, “descendentes” psicanalíticos. Porém tais argumentos talvez façam pouco mais do que tangenciar aquilo que se encontra no cerne do gesto autobiográfico: o debruçar-se sobre as próprias memórias como um modo de apegar-se à vida, bem como de despedir-se dela.

Em uma de suas últimas anotações para a elaboração de um artigo que pretendia escrever sobre religião e memória, Klein reitera que “esquecer alguém é matá-lo no inconsciente” (Grosskurth, 1986/1992, p. 481). E não seria a escrita um derradeiro recurso na luta humana contra o esquecimento?

CAPÍTULOS E COMPOSIÇÃO DO LIVRO

A construção de uma teoria ou conjunto de ideias nunca ocorre em um vazio; ela se faz por intermédio de múltiplos fatores e atravessamentos – afetivos, institucionais, políticos, culturais, além dos mais obviamente científicos. Tais fatores nem sempre são considerados na transmissão conceitual em psicanálise, podendo levar à falsa impres-

são de que entre o divã do analista e a sua escrivaninha nada mais existe. Articular o pensamento de um autor com a sua vida e com o ambiente em que floresceu é sempre uma tarefa árdua, ainda que imprescindível para uma compreensão não dogmática de suas contribuições. Contudo, o entrelaçamento de elementos da vida pessoal com a metapsicologia elaborada por um autor não se realiza sem grandes riscos. Cabe àquele que se dispõe a tanto o cuidado constante para que esses elementos não promovam o esvaziamento reflexivo mediante um culto à personalidade, nem transformem uma discussão fértil em um compêndio de anedotas para animar conversas de salão.

Nesse sentido, tornou-se fundamental que a publicação da *Autobiografia* de Melanie Klein – a primeira em português – viesse acompanhada não apenas por notas explicativas que ambientassem o leitor, mas também por comentários de colegas com longa experiência na prática e no ensino da teoria kleiniana. Foram convidados quatro autores para que tecessem considerações a partir das memórias de Melanie Klein, estabelecendo com esse texto um diálogo criativo. Em cada comentário, determinado aspecto presente em suas memórias foi eleito ponto de partida para o exame dos princípios que nortearam o desenvolvimento de sua obra.

R. D. Hinshelwood, cujas notas introdutórias elaboradas para o Melanie Klein Trust em 2016 também foram aqui incluídas, apresenta no texto inédito “A abordagem do material clínico conforme Melanie Klein” reflexões

sobre o lugar atribuído à ansiedade dentro do pensamento kleiniano e sobre o modo como interpretá-la a um paciente em análise. Em uma revisão pontuada por dados históricos, o autor destaca o afastamento de Klein da teoria dos instintos freudiana e o deslocamento do foco analítico para a construção de narrativas (ou protonarrativas) que exprimem um mundo de relações objetais e fantasias inconscientes. Nesse caminho, o autor observa como a ausência de uma formação acadêmica médica pode ter desempenhado um papel na sua nova apreensão dos fenômenos psíquicos.

Já em “Citizen Klein”, Liana Pinto Chaves aborda a *Autobiografia* como um retorno às origens e um acerto de contas de Klein com os seus objetos internos e externos, aprofundando o tema da finitude que perpassa essas reminiscências. É o que lhe permite concebê-la como uma espécie de espelho invertido do *Cidadão Kane* de Orson Welles, repisando um caminho marcado por rupturas e perdas. Ao mesmo tempo, o texto autobiográfico de Klein parece formar um conjunto com outro artigo, “Sobre o sentimento de solidão” (apresentado por ela no mesmo ano de 1959), convergindo nas conclusões a partir dos aportes de sua vida privada.

Claudia Frank, que há muitos anos se dedica à pesquisa sobre as origens dos conceitos kleinianos, oferece em seu “Melanie Klein (1882-1960) – Um ‘gênio feminino’ ou um ‘antigênio?’” uma visão panorâmica de suas principais contribuições. O mapeamento criativo da perspec-

tiva kleiniana é feito por meio de suas correspondências e pontos de intersecção com o livro *Sobre os sonhos* (1901) de Sigmund Freud, o primeiro contato de Klein com a psicanálise. É também apresentado um breve contexto da absorção de suas ideias na Alemanha pós-guerra por meio do enfrentamento de um “Hitler interno”, conforme descrito em uma nota inédita de Klein, incluída aqui pela autora.

Em “Melanie Klein: mulher, mãe, psicanalista”, Izelinda Garcia de Barros recupera o romance familiar kleiniano para dele retirar a experiência visceral da maternidade como a condição que possibilitou inovações no campo psicanalítico. Ao encontrar na análise com Ferenczi um ambiente propício para a apreensão das vivências arcaicas próprias ao puerpério, Klein pôde lançar-se a uma compreensão dos próprios filhos, como demonstra em seu primeiro trabalho clínico, para dali fazer emergir uma concepção original da psicanálise de crianças e do “infantil” no adulto.

A transcrição dos fragmentos autobiográficos, publicada por Janet Sayers e John Forrester, foi amplamente utilizada tanto na elaboração das notas adicionadas a essa versão integral como em alguns dos comentários que a seguem. Com isso, oferecem também ao leitor aquilo que foi suprimido na edição final realizada por Melanie Klein, acrescentando outras nuances à sua leitura.

Foi ainda incluído como apêndice deste livro o relato de James Gammill, “Algumas recordações pessoais sobre

Melanie Klein”, homenagem que lhe prestou em um congresso de 1982. Embora não se refira diretamente à *Autobiografia*, seu texto compartilha com ela de um mesmo *ethos* rememorativo e, em certo sentido, também a complementa. Gammill foi supervisionando de Klein entre 1957 e 1959, período que, curiosamente, coincide com a escrita do texto autobiográfico. Através de suas lentes, vemos Melanie Klein como uma supervisora atenciosa e encorajadora, desafiando abertamente opiniões pessoais sobre a história do movimento psicanalítico e seus protagonistas. O relato de Gammill supre certas ausências da *Autobiografia*, como o encontro entre Klein e Freud ocorrido em 1922, os embates com Anna Freud, ou sua versão da recepção hostil que sua obra obteve na América do Norte (destino migratório de muitos psicanalistas da Europa continental na década de 1930). Enfim, Melanie Klein, personagem de Gammill, acaba criando um contraponto interessante com outra Melanie Klein, a personagem de suas próprias memórias.

MELANIE KLEIN, HOJE?

A radicalidade das concepções desse “gênio feminino”, como a descreveu Kristeva, provocou uma verdadeira convulsão no pensamento psicanalítico de seu tempo. O modo como elas foram absorvidas, no entanto, chega a tornar difícil aos psicanalistas atuais uma percepção acurada de sua presença. Muitas de suas formulações foram

deglutidas pelo *corpus* psicanalítico e servem ainda hoje como nutriente para a prática clínica e a metapsicologia que dela provém. Já em 1979, Hanna Segal observava que

a influência de suas teorias e de sua técnica propagou-se muito além dos que são conhecidos hoje como “kleinianos”. Numerosos analistas trabalham atualmente com ideias e métodos derivados do pensamento de Klein, muitas vezes sem se aperceberem da origem dessas ideias. (1979/1983, p. 147)

O referencial kleiniano encontrou na América Latina talvez sua mais forte acolhida fora de seu local de origem. A partir dos anos 1950, Brasil e Argentina tornaram-se importantes polos de difusão e estabeleceram intercâmbios contínuos entre seus principais autores. A apreensão e a transmissão do pensamento de Klein, no entanto, sofreram transformações, à medida que ele foi sendo incorporado pela realidade local dos psicanalistas brasileiros e exposto às subseqüentes reformulações *pós-kleinianas*.⁷ Esse longo processo acabou criando em nossas terras uma tradição arraigada, em que periodicamente ressurgue e se renova o interesse pela leitura de sua obra. Com efeito, vinculados ou não ao kleinismo, somos todos de alguma forma atravessados pelos seus desdobramentos.

7 Uma exposição mais abrangente deste tema pode ser encontrada em Abrão, 2013.

No obituário dedicado a Melanie Klein, Wilfred R. Bion, Herbert Rosenfeld e Hanna Segal (1961), três de seus mais eminentes colaboradores, declararam que “o futuro mostrará o quão profundamente ela influenciou a direção e o crescimento da teoria psicanalítica e estendeu os limites de sua prática” (p. 4). Um vaticínio que o tempo veio a comprovar plenamente e, ao que tudo indica, permanecerá válido aos psicanalistas das gerações vindouras.

REFERÊNCIAS

- Abrão, J. L. F. *A difusão do pensamento kleiniano no Brasil*. São Paulo: Arte & Ciência, 2013.
- Bion, W. R., Rosenfeld, H., & Segal, H. (1961). Melanie Klein. *International Journal of Psychoanalysis*, 42, 4-8.
- Grosskurth, P. (1992). *O mundo e a obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1986).
- Gusdorf, G. (1980). Conditions and Limits of Autobiography. In J. Olney (Ed.). *Autobiography: Essays Theoretical and Critical*. New Jersey: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1956).
- Kristeva, J. (2002). *O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras* (Tomo II: Melanie Klein). Rio de Janeiro: Rocco. (Trabalho original publicado em 2000).
- Lejeune, P. (2014). *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG. (Trabalho original publicado em 1975).
- Sayers, J. (2012). “Dear Stokes”: Letters from Melanie Klein about writing, painting and psychoanalysis. *Psychoanalysis and History*, 14(1), 111-132. Edinburgh University Press.

Segal, H. (1983). *As idéias de Melanie Klein*. São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo. (Trabalho original publicado em 1979).

No ano que antecedeu seu falecimento, Melanie Klein reuniu as notas esparsas que vinha escrevendo sobre sua vida em uma única narrativa. Nela, a pioneira da análise de crianças revisita nostalgicamente sua própria infância e suas origens familiares e psicanalíticas.

Embora amplamente utilizada nas biografias que lhe foram dedicadas, a versão integral de suas memórias permaneceu até há pouco tempo inédita. Complementada nesta edição por comentários de colegas reconhecidos no estudo de sua obra, a Autobiografia oferece um registro íntimo e documental de uma das grandes inovadoras da psicanálise.

Alexandre Socha

Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-1855-5



9 788521 218555

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Melanie Klein

Autobiografia comentada

Melanie Klein , Alexandre Socha

ISBN: 9788521218555

Páginas: 220

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2019

Peso: 0.260 kg
